

EVOLUÇÃO

Rafael Alcantara

2011

CAPÍTULO I

Meu nome é Alan. Vou lhes contar uma história que, a princípio, parecerá absurda, mas trata-se de uma história real.

Sempre fui uma criança normal e alegre; tinha vários amigos e gostava de todas as brincadeiras normais da minha idade. Mas eu me sentia diferente. Sempre me senti diferente.

Tudo começou em novembro de 1999, quando eu tinha apenas 11 anos.

Eu morava em Curitiba, num bairro pobre, em uma área de ocupação irregular. A única coisa que gostava no lugar, era a bela chácara que havia atrás de nossa casa, onde, às vezes, eu pulava o muro que a cercava e me embrenhava entre as árvores para passar algumas horas sozinho.

Certo dia, estava indo para casa num fim de tarde, depois de mais um dia chato de aulas na escola municipal. Foi um daqueles dias que é melhor esquecer que existiu. Zero na prova de matemática, um fora da menina que eu gostava, e pra fechar, a surra que levei de um grandalhão que não gostava de mim. Eu mal via o momento de chegar em casa e passar várias horas na frente da TV, me divertindo com meu Super Nintendo, se minha mãe deixasse, é claro. Evangélica e conservadora, ela vivia implicando comigo e falava que

aquilo era coisa do capeta. É claro que eu sabia que não passava de baboseira religiosa e que Deus jamais mandaria alguém pro inferno só por jogar um maldito vídeo game.

Quando estava anoitecendo e chegando à hora de meus pais irem à igreja, minha mãe veio até meu quarto para tentar me convencer a acompanhá-los e, pela milionésima vez naquele ano, eu recusei o convite. Ela, como de costume, foi extremamente cruel em minha punição por me recusar a ser um filho obediente: confiscou meus cartuchos de vídeo game e levou-os consigo em sua bolsa. Nada poderia ser pior. Então, para completar o fatídico dia, só me restava passar a noite toda sozinho assistindo a maldita TV.

Aproximadamente, às 20h30min, eu estava deitado no sofá vendo um programa sem graça, perdido em meu tédio. Apesar de ser criança, eu sempre achara a TV algo supérfluo e nunca tive grande interesse na programação em geral. O programa foi para o intervalo e, ocasionalmente, virei meus olhos para a janela, a fim de ver como estava a noite lá fora. Quando vi o que estava do outro lado do vidro, meu mundo parou. Atônito, me sentei no sofá e semicerrei meus olhos para me certificar melhor do que via. Quando consegui focalizar melhor a figura que estava a meio metro do vidro, do lado de fora da casa, por entre a escuridão, todos os pelos do meu corpo se eriçaram. Tive a sensação de terem colocado o Alasca dentro do meu estomago. O gelo se tornou quente, mais abaixo, quando minha urina começou a sair sem que eu pudesse controlar, tamanho o susto que levei. Eu não podia estar errado! Não era uma alucinação! Aquilo estava ali parado a, no máximo, dois metros de distância de mim. E o que é pior: estava me fitando incisivamente. Meu coração estava quase rasgando meu peito de tão forte que pulsava. Como um autômato, me levantei e fui rapidamente para meu quarto. Me escondi em minha cama, debaixo das cobertas, e comecei a orar freneticamente à Deus para que ele não permitisse que aquela

criatura me fizesse mal.

Estava me encarando! Pensei.

Era igual aos mostrados nos filmes de ficção científica. Tinha uma cabeça enorme, pescoço fino, o tronco pouco definido e delgado, não se percebia boca nem nariz e era, melancolicamente, cinza. Porém, o mais perturbador naquela criatura eram os grandes e penetrantes olhos negros em forma de elipse, que me olhavam como se esquadrihassem minha mente.

Não consegui dormir naquela noite. Quando amanheceu, meu mundo pareceu diferente. Tudo estava parecendo surreal, me senti envolvido por um clima estranho. Meus movimentos pareciam automáticos. Estava mergulhado de forma tão profunda em meus pensamentos, que mal sentia meu corpo e quase não me importava quando alguém falava comigo. Eu estava experimentando, pela primeira vez, algo que só os grandes mestres experimentavam: o estado de concentração total. Eu não estava mais em meu corpo. Minha mente me dominara.

Os dias decorrentes foram uma incógnita para mim. Pesadelos que nunca mais me abandonariam, sensação de êxtase, medo, vergonha, apreensão. Essas são só as sensações que consigo descrever. As outras sensações foram mais perturbadoras, impossíveis de distinguir se foram reais ou apenas sonhos.

Jamais falei sobre o caso a ninguém.

Nos meses subsequentes eu não conseguia tirar o fato da mente.

Nunca mais voltei à chácara. Pensava várias horas seguidas sobre o que aconteceu naquela noite. Tentava imaginar o porquê de uma criatura evoluída como aquela, estar ali, parado em frente à janela da minha casa, e ainda por cima, me observando.

Por que eu?

Um ano após o fato, eu já estava em depressão profunda. Tinha me isolado do resto do mundo. Não gostava de fazer amigos; não fazia questão de manter os que eu já tinha. Fechei-me em meu intelecto.

Com 13 anos, já sentia - e sabia - que era diferente de todos. Não acreditava em tudo que me falavam, apesar de ter uma mente extremamente aberta. Comecei a meditar profundamente sobre tudo que me rodeava: vida, morte, bem, mau, religião, dogmas, regras, sexualidade, e para tudo eu tinha minha própria teoria e modo de pensar. Eu não era como as outras crianças da minha idade que aceitavam tudo o que os adultos impunham como sendo o correto e verdadeiro, porque eu sabia que era superior a grande maioria dos adultos. Mesmo com a pouca idade, eu já era ateu convicto. Não tinha medo de fazer “testes” de invocação para provar a mim mesmo que minhas teorias sobre a inexistência divina eram corretas. Também mantive meu ateísmo em segredo, para evitar complicações. Eu sabia que se contasse que era ateu, teria muitos problemas. Sofreria preconceito dos alunos da escola, dos futuros patrões e colegas de trabalho. Sofreria preconceito até mesmo dos

meus familiares mais próximos. Minha vida se tornaria um caos.

Já com 14 anos, estava pensando mais do que nunca em coisas importantes e sobre as características da vida como um todo. Formava teorias sobre fatos e acontecimentos que só os filósofos atreviam-se a fazer. Só posteriormente, acessando a internet e fazendo as devidas pesquisas, descobri que minhas teorias são semelhantes, ou superiores, às que grandes pensadores tinham desenvolvido após muitos anos de pesquisa e meditação. Também me tornei vegetariano. Não que eu não gostasse de carne, eu adorava carne, mas sabia que uma criatura evoluída não deveria se alimentar de outros seres vivos, a menos que houvesse a necessidade, caso contrario, seria um ato primitivo.

Fanatismo religioso, mentiras, injustiça, crueldade, traição. Esses foram alguns dos motivos que me fizeram ter aversão à raça humana. A verdade, nua-e-crua, era que eu não gostava de gente. Tinha ódio, nojo... medo... dó. Tracei como meta de vida ser diferente dos outros. Ser perfeito. E estava conseguindo.

As pessoas são acostumadas a achar que para ser um intelectual ou um grande ser humano, é necessário ter um alto QI e ser inteligentíssimo em alguma área da ciência. Ser um cientista brilhante ou um intelectual de invejável inteligência, não significa, nem de longe, que a pessoa está próxima da perfeição ou de ser um humano melhor.

TODA pessoa poderia ser incalculavelmente superior, em todos os sentidos de sua existência, se reavaliasse um único ponto crucial em seu modo de vida: o preconceito. O maior mau da raça humana!

O preconceito, infelizmente, está enraizado na mente das pessoas de uma forma quase tão consistente quanto o diamante. Ele tem diversas vertentes e todas elas destroem a humanidade, cada uma de sua forma, mas sempre de forma covarde.

O preconceito racial, que foi o grande causador da miséria africana, quando, na época da escravidão, o continente teve grande parte de suas riquezas naturais roubadas e, como se isso já não bastasse, os habitantes eram simplesmente sequestrados de seu lugar de origem para serem escravos na Europa e nas Américas. Fico imaginando quantas auspiciosas crianças negras não puderam se tornar grandes cientistas, médicos, biólogos, arquitetos ou engenheiros, por falta de oportunidades; pela falta de universidades em seu continente ou pela má aceitação que têm nos países que foram o destino de seus antepassados, mesmo contra suas vontades.

O preconceito contra o sexo feminino que, da mesma forma que com os negros, impediu que grandes mulheres, também com muitos augúrios e grande potencial, ingressassem em universidades e ajudassem a construir um mundo melhor com toda sua sensibilidade para os pequenos detalhes da vida.

O preconceito contra os animais inferiores que tanto causou, e ainda causa, a extinção de incontáveis espécies. Espécies que, quem sabe, poderiam ter nos ajudado a achar, ou conter em seus códigos genéticos, a cura para várias doenças que nos assolam. E tudo isso, apenas para tê-los forrando elegantemente os bancos de nossos automóveis, estampando nossos casacos, ou tê-los, apetitosa e desnecessariamente, servidos em nossos pratos como iguarias.

O preconceito intelectual, que nos impede de ensinar pessoas desprovidas de estudo ou que, simplesmente, não tiveram a oportunidade de chegar ao conhecimento. E isso, apenas porque nos achamos superiores a tais pessoas. O que torna um médico superior a um carpinteiro? Nada! Nem mesmo seu diploma!

E o pior de todos os preconceitos: o religioso. Este, por sua vez, impediu, e ainda impede, a humanidade de evoluir, além de ter sido o motivador de centenas de massacres e de guerras em várias épocas.

O preconceito religioso fecha a mente das pessoas e as deixa estagnadas no tempo, esperando apenas o prometido paraíso ou aguardando que o destino tome as rédeas de sua existência, impedindo-as de formarem projetos de vida mais grandiosos e fazendo-as repelir qualquer ideia oposta a delas.

A mente das pessoas é impregnada de inúmeros outros preconceitos que, quase sempre, nem elas mesmas percebem. A pessoa que conseguir se livrar de todo e qualquer preconceito, estará a meio caminho andado para a perfeição e de atingir o próximo nível de evolução da raça humana.

Desses males, eu sentia orgulho de não sofrer mais.

Aos 17, eu já havia ultrapassado o fino limite entre a loucura e a genialidade. Eu era mais que um louco. Eu era muito mais que um gênio. Eu era a evolução do homo sapiens.

Passei anos pesquisando ufologia para tentar descobrir por que aquilo tinha acontecido comigo, alguns anos antes. Tudo o que achei na internet sobre o assunto era meio incerto, tendencioso e especulativo. Não dava para confiar na maioria das informações disponíveis. Esse é o assunto mais polêmico e obscuro de todos os tempos. É normal que as pessoas que se arrisquem a falar sobre ele, tenham obtido informações de fontes “não confiáveis”. Eu teria que seguir meu próprio caminho se quisesse respostas.

Várias teorias passaram pela minha cabeça para explicar a vida extraterrestre. É fisicamente possível que existam, mas, se forem levadas em conta as complicadíssimas equações que calculam a potencial existência de outra civilização inteligente, e a capacidade dela de ter tecnologia para chegar até nós, vencendo as colossais distâncias do universo, é bem improvável que cheguem a nos visitar.

Mas, o que era aquilo que apareceu na minha janela, senão um extraterrestre? Estava a apenas dois metros de mim. Não havia margem para um engano visual e, com certeza, não fora uma alucinação!

No fundo da minha mente, eu sabia a resposta para a questão.

Em outubro de 2009, já com 21 anos, após uma década evoluindo vertiginosamente de diversas formas e tentando obter algum contato com os seres, minha busca acaba da forma mais surpreendente possível.

Eu gozava de minhas férias trabalhistas e, apesar de ser inverno, resolvi passar alguns dias no litoral catarinense para sair da rotina e respirar novos ares.

Era uma noite maravilhosa e estrelada. Não iria perdê-la na frente do computador fazendo pesquisas como de costume, além do mais, era o meu último dia no litoral. Pela manhã, eu retornaria para casa.

Eu não caminhava muito, mas me senti quase forçado a sair para olhar o belo céu e o mar naquela linda noite. Isso sempre me ajudava a abrir a mente.

Por volta das 23h00min, sentei na areia, de frente para o mar agitado, a fim de descansar um pouco para a caminhada de volta. A aproximadamente 500 metros, no horizonte, vi uma estrela enorme, que, no mesmo instante, prendeu minha atenção. Não era uma estrela comum. Senti um gelo na espinha quando ela, lentamente, começou a se mover. Estava vindo em minha direção, deslizando pelo ar a uns 50mt de altura, sobre o oceano. Estava cada vez mais perto. Apesar da minha preparação e de meus ensaios para aquele tão esperado momento, senti minhas pernas amolecerem, incapazes de me tirar dali. Incapazes de me fazer fugir.

Estava acontecendo de novo!

A esfera foi ganhando tamanho. Comecei a distinguir algumas variações de cores. Tons de luz azul, vermelho e verde, misturavam-se enquanto emanavam do orbe. O objeto aproximava-se devagar, como se não quisesse que eu fugisse. Eu já fugi uma vez. Mas agora

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

